

Museu da Língua Portuguesa: instrumento linguístico em tempos da ideologia do lazer

Museu da Língua Portuguesa: linguistic tool in
times of the ideology of leisure

José Simão da Silva Sobrinho

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil

Resumo: Neste trabalho analisamos a materialidade do conceito de “instrumento linguístico”. Formulado inicialmente no contexto dos estudos franceses sobre a gramatização (AUROUX, 2009), esse conceito sofreu deslocamentos importantes nos estudos brasileiros relativos à história da produção de conhecimentos linguísticos, deslocamentos produzidos pela articulação consequente da História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso. Nessa articulação, passa-se da perspectiva da função para a do funcionamento (processo) discursivo do instrumento linguístico, o que possibilita considerarmos a existência material de outros instrumentos além da gramática e do dicionário.

Palavras-chave: Museu da Língua Portuguesa. Instrumento linguístico. Gramatização. Ideologia. Língua nacional.

Abstract: In this paper we analyse the materiality of the “linguistic tool” concept. Although initially formulated in the context of French studies on “grammatization” (AUROUX, 2009), this concept has undergone important shifts in Brazilian studies on the history of linguistic knowledge production, shifts produced by articulation of the History of Linguistic Ideas and Discourse Analysis. In this articulation, there has been a movement in perspective from function to the linguistic tool’s discursive operating process. This movement allows us to consider the material existence of other tools, besides the grammar and the dictionary.

Keywords: Museu da Língua Portuguesa. Linguistic tool. Grammatization. Ideology. National language.

Introdução

Em nossa tese de doutorado¹, formulamos que o Museu da Língua Portuguesa funciona, em algumas condições, como um instrumento linguístico, na medida em que, à semelhança da gramática e do dicionário, ele também intervém na relação entre a língua, o sujeito e o Estado (SILVA SOBRINHO, 2011, p. 96). Neste trabalho, damos continuidade a essa reflexão que toma os instrumentos linguísticos na perspectiva de sua historicidade.

O conceito de “instrumento linguístico” formulado por Auroux (2009) está circunscrito aos trabalhos da *Société d’Histoire et d’Épistémologie des Sciences du Langage* (SHESL), instituição que, desde 1978, reúne interessados na história e na epistemologia das ciências da linguagem, e do laboratório *Histoire des Théories Linguistiques* (HTL), criado em 1982, na Universidade Paris Diderot (Paris 7). Sylvain Auroux foi o segundo presidente da SHESL (1984-1987) e o segundo diretor do HTL (1988-2001). O primeiro dirigente das duas instituições vinculadas foi Jean-Claude Chevalier.

O laboratório *Histoire des Théories Linguistiques* congrega, sobretudo, linguistas, historiadores e filósofos das ciências em três programas de pesquisa: tradições e obras linguísticas, tradições linguísticas da Idade Média e ciências da linguagem modernas e contemporâneas. Considerando que os rumos da pesquisa não se apartam do clima político (MAZIÈRE, 2011), pensamos que é pertinente a reflexão sobre o que produz, nas condições mais específicas da expansão da sociolinguística, do funcionalismo e do gerativismo norte-americanos, a necessidade desse investimento francês na produção de conhecimento sobre a história e a epistemologia das ciências da linguagem, sobre as “tradições” linguísticas.

Essa reflexão foge, contudo, aos objetivos desse trabalho, no qual buscamos compreender a reinvenção, no campo da Análise de Discurso, de instrumentos científicos desenvolvidos por esse laboratório. Mais especificamente, a reinvenção do conceito de “instrumento linguístico”. Como argumentaremos, a articulação da História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso produz, entre outros efeitos, deslocamentos significativos nesse conceito.

1 Tese de doutorado em Linguística desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, com o apoio financeiro da Capes (2007) e da Fapesp (2008-2009). Com esse trabalho, iniciado em 2006, inauguramos a reflexão sobre o Museu da Língua Portuguesa no campo da Análise de Discurso.

A historicidade das práticas teóricas

Todo conceito tem historicidade, de um lado, no sentido de que é conformado pela relação com outros conceitos que constituem uma determinada prática teórica; de outro, no sentido de que é configurado pelas práticas políticas e ideológicas da formação social na qual essa prática teórica tem existência². Tomar os conceitos assim, na perspectiva da historicidade que os constitui, implica considerar não apenas as relações entre conceitos, mas também considerar que toda prática teórica, no interior da qual os conceitos são forjados, é, fundamentalmente, uma prática política e ideológica intrincada nas lutas de classes. Abordadas desse modo, ciência (com os conceitos e técnicas que a configuram) e sociedade (com as relações de forças, de poder que a conformam) se constituem mutuamente na conjuntura das relações e modos de produção e nas lutas de classes.

Essa reflexão sobre as relações entre a prática teórica e as práticas política e ideológica nos faz lembrar que, como formula Pêcheux (1997, p. 190, grifos do autor), a partir da teoria materialista dos processos discursivos, “é impossível continuar mantendo por mais tempo a ‘evidência’ segundo a qual é o *homem*, o *sujeito*, a *atividade humana*, etc., que produz os conhecimentos científicos”. Subsumimos com o autor que “a história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes” (ibid., loc. cit., grifos do autor). A prática teórica é “efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância, pela própria produção econômica” (ibid., loc. cit.).

Nessa perspectiva materialista, analisamos que, em condições históricas determinadas, nas quais um dado problema se torna formulável, uma prática teórica (re)inventa os “instrumentos científicos” com os quais opera, entre eles, os conceitos. Os conceitos, como “instrumentos científicos”, estão, desse modo, diretamente relacionados, como efeitos, às condições nas quais uma ciência estabelece e delimita seu objeto. A prática teórica inventa ou reinventa os conceitos de que necessita para a formulação de seu problema ou questão. No caso da reinvenção de conceitos existentes em práticas teóricas já estabelecidas, produzem-se deslocamentos, deslizamentos, transferências de sentidos para que o conceito, como “instrumento científico”, se ajuste aos

2 Sobre o conceito de “prática” e a definição dos diferentes tipos de práticas, remetemos ao texto de Pêcheux (2011) assinado sob o pseudônimo de Thomas Herbert.

outros conceitos da prática teórica da qual passa a fazer parte. Como assinala Henry, lendo Pêcheux,

as ciências colocam suas questões, através da interpretação de instrumentos, de tal maneira que o ajustamento de um discurso científico a si mesmo consiste, em última instância, na apropriação dos instrumentos pela teoria. É isto que faz da atividade científica uma prática. (HENRY, 1997, p. 17).

José Simão da
Silva Sobrinho

310

Para que uma atividade científica seja uma prática, é necessário o acontecimento discursivo de “apropriação dos instrumentos pela teoria”. E é justamente a “apropriação dos instrumentos pela teoria”, com suas conseqüências, que praticamos quando articulamos a História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso na interpretação do conceito de “instrumento linguístico”, no âmbito do programa de pesquisas inaugurado por Eni Orlandi na Unicamp.

A historicidade do conceito de “instrumento linguístico”

Em Auroux (2009, p. 65, grifos do autor), o conceito de “instrumento linguístico” está vinculado por sentidos ao conceito de “gramatização”, que o autor define como “o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Nesse quadro teórico, o “instrumento linguístico” é pensado na perspectiva de suas funções instrumentais nas práticas linguísticas – ele ampliaria a “competência linguística” do falante:

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la também como instrumento linguístico: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor. Isso ainda é mais verdadeiro acerca dos dicionários: qualquer que seja minha competência linguística, não domino certamente a grande quantidade de palavras que figuram nos grandes dicionários monolíngues que serão produzidos a partir do Renascimento (o contrário tornaria esses dicionários inúteis a qualquer outro fim que não fosse a

aprendizagem de línguas estrangeiras). Isso significa que o aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas. (AUROUX, 2009, p. 70).

Em nota de rodapé, o autor antecipa sentidos e acrescenta: “claro, uma gramática é um objeto técnico mais complexo que um simples martelo, e ela investe necessariamente conhecimentos teóricos explícitos” (AUROUX, 2009, p. 70). A nota, embora atenua a perspectiva mecanicista da comparação entre a gramática e o martelo, não desfaz a aceção fortemente instrumental do “instrumento linguístico”.

A prática teórica na qual se inscreve essa aceção configura atividades científicas em diferentes partes do mundo. Ela filia sentidos no programa de pesquisas História das Ideias Linguísticas no Brasil, criado a partir de projetos desenvolvidos na década de 80, como o projeto “Discurso, Significação, Brasilidade”, coordenado por Eni Orlandi na Unicamp. Uma das linhas de pesquisa desse projeto reuniu pesquisadores em torno da questão da língua e da brasilidade. Interesses relacionados a essa linha de pesquisa levaram Eni Orlandi a um pós-doutorado na França, onde conheceu Sylvain Auroux, à época diretor do laboratório *Histoire des Théories Linguistiques* (HTL).

Esse contato teve como efeito a assinatura de um convênio entre o IEL/Unicamp e a Universidade Paris 7, com apoio Capes/Cofecub, convênio que resultou no projeto “História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e a constituição da língua nacional”, coordenado, no Brasil, por Eni Orlandi e, na França, por Sylvain Auroux. De lá para cá, outros projetos foram desenvolvidos ou estão em andamento com a participação de outras universidades brasileiras e europeias.

Dentro desse programa, que assume uma perspectiva multidisciplinar, nosso trabalho tem se filiado a uma forma específica de pensar a história da produção de conhecimento sobre a língua, forma atenta à materialidade histórica dos objetos simbólicos (as gramáticas, os dicionários e, como consideramos, as exposições do Museu da Língua Portuguesa) que institucionalizam um saber sobre a língua que determina as relações entre língua, sujeito e Estado. Estamos falando da prática teórica aberta por Eni Orlandi, que articula de modo consequente a Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas. Prática na qual “a visada discursiva faz com que temas comumente abordados na História das Ideias Linguísticas, como *conceitos e teorias, obras, autores, instituições, periodizações*, recebam um tratamento específico” (NUNES, 2008, p. 110, grifos do autor).

Nunes (2008) destaca deslocamentos no conceito de “autoria” produzidos pela visada discursiva na investigação da história da produção brasileira de conhecimento linguístico. De nossa parte, analisamos os deslocamentos necessários que a articulação com a Análise de Discurso produz no conceito de “instrumento linguístico” formulado por Auroux (2009), deslocamentos que permitem pensar o Museu da Língua Portuguesa, sob determinadas condições, também como um “instrumento linguístico”. Destacamos o deslocamento da perspectiva da função (produto) para o funcionamento (processo).

Como vimos anteriormente, Auroux (2009) formula teoricamente uma concepção marcadamente instrumental dos instrumentos linguísticos. Eles são tomados como “objetos técnicos” em sua função de ampliar a “competência linguística” do falante. Na articulação da História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso, os instrumentos linguísticos, como objetos simbólicos, são considerados em seu funcionamento, que é também histórico e ideológico. Esse deslocamento é necessário porque “do ponto de vista da análise do discurso, o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção” (ORLANDI, 1996, p. 117).

Esse deslocamento da função para o “funcionamento discursivo” possibilita, na investigação da história do conhecimento linguístico, a articulação entre o saber institucionalizado sobre a língua e a história da sociedade, bem como entre esse saber sobre a língua e a língua nacional, colocando em relação a unidade e a diversidade em face do Estado. Possibilita, enfim, a formulação de problemas de pesquisa conformados pelas condições de produção brasileiras, num gesto de “descolonização científica” (ORLANDI, 2003).

Nessa perspectiva do “funcionamento discursivo”, passa-se das marcas para a ideologia na análise de gramáticas e dicionários, entre outros instrumentos linguísticos. Como formula Orlandi,

elaborei esse conceito de ‘funcionamento discursivo’ a partir dos princípios teóricos propostos por Pêcheux e através dele pude empreender uma análise de marcas formais que me remetesse à formação ideológica. Nesse sentido considero relevante para qualquer análise de discurso a observação disso que chamo seu funcionamento. (ORLANDI, 1996, p. 125).

Tomados nas relações de sentidos que configuram esse deslocamento fundamental na Análise de Discurso, os instrumentos linguísticos se definem por seus vínculos com a ideologia no modo como determinam historicamente as relações entre língua, sujeito e sociedade. Definem-se, como objetos históricos, por seu funcionamento na formação social. As formas que assumem os instrumentos linguísticos estão relacionadas ao modo como a sociedade se constitui historicamente: “a produção tecnológica relacionada com a linguagem é, não há dúvidas, lugar privilegiado de observação do modo como uma sociedade produz seu conhecimento relativamente à sua realidade” (GUIMARÃES; ORLANDI, 1996, p. 9). O instrumento linguístico é, desse modo, “parte da relação com a sociedade e com a história” (ORLANDI, 2001, p. 8).

Foi considerando essas relações entre a sociedade e as tecnologias relacionadas com a linguagem que, em nossa tese, compreendemos o Museu da Língua Portuguesa como instrumento linguístico. O modo como a sociedade brasileira se constitui historicamente produz a necessidade de outras formas de tecnologias além da gramática e do dicionário. Pensamos que o Museu da Língua Portuguesa é uma das formas resultantes dessa necessidade histórica, mais conformada, inclusive, pelo “espírito do tempo”, caracterizado pela “ética do lazer” (MORIN, 2005).

Considerações finais

Há mais de uma forma de investigar a história da produção de conhecimento linguístico. Neste trabalho, refletimos sobre uma forma específica, a que articula a Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas, produzindo “relações de sentido científicas” (ORLANDI, 2003) entre os grupos de pesquisadores franceses e brasileiros da história das ciências da linguagem. Nessas relações, a teoria materialista do discurso se apropria, com deslocamentos, deslizamentos, transferências de sentidos, dos instrumentos científicos desenvolvidos pelo grupo francês.

Compreendemos, de uma perspectiva discursiva materialista, como dissemos anteriormente, que a prática teórica está constitutivamente relacionada com as práticas políticas e ideológicas de uma dada formação social. Os conceitos formulados no interior de uma prática teórica não estão acima ou separados das condições históricas que dão existência a essa prática. As condições das práticas científicas brasileiras não são as mesmas dos pesquisadores europeus, e isso produz a necessidade de deslocamentos teóricos, a (re)invenção de

instrumentos científicos. Em condições diferentes, trabalhar com os mesmos conceitos, sem deslocamentos, como se os problemas fossem os mesmos, configura, também, uma situação de “colonização científica” (ORLANDI, 2003).

Desconsiderar a historicidade dos conceitos, relativa à relação constitutiva entre ciência e suas condições de produção, apaga, esquece, no sentido discursivo, a multiplicidade, a pluralidade da ciência. Uma prática científica e seus conceitos têm existência em condições materiais particulares, condições que configuram o horizonte de suas possibilidades heurísticas.

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Org.). **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). Tradução de Bethania S. Mariani. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 13-38.

LECOURT, D. **Para uma crítica da epistemologia**. Trad. Manuela Menezes. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980.

MAZIÈRE, F. A análise do discurso, o político e a língua. Tradução de Carolina Fernandes. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 15-35.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

NUNES, J. H. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107-124, jul./dez. 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. (Org.). **História das ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Ed. da Unemat, 2001.

_____. Colonização, globalização, tradução e autoria científica. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Produção e circulação do conhecimento**: política, ciência, divulgação. Campinas: Pontes, 2003. v. 2. p. 13-19.

PÊCHEUX, M. (Thomas Herbert). Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. Tradução de Mariza Vieira da Silva e Laura A. P. Parisi. In: _____. **Análise de Discurso**. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011. p. 21-54.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

SILVA SOBRINHO, J. S. **“A língua é o que nos une”**: língua, sujeito e Estado no Museu da Língua Portuguesa. 2011. 133 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

*Museu da Língua
Portuguesa*

315